LITERATURA ALEMÃ DA ÉPOCA DE LUTERO¹

EVA WYSK KOCH,
Doutor em Literatura Alemã*

Sem querer esgotar o assunto, nem levantar um provável repertório de leituras e referências de LUTERO — já que a maior parte seria em língua latina — e também não considerando possível descompassos entre História Nacional e Literatura², mas tão somente interessados em lembrar algumas produções literárias coevas de Lutero, podemos — num primeiro momento e com a devida cautela — chamar à nossa mente uma obra da literatura universal: *Les horribles et espoventables faictz et prouesses du très renomè Pantagruel* (1533) de François RABELAIS. Tendo falecido em 1546, LUTERO não chegou a conhecer o romance alemão resultante da recriação de *Pantagruel* por parte do advogado calvinista Johann FISCHART (c. 1546-90), natural de Estrasburgo, obra cujo título quilométrico³ menciona a “versão” (da primeira parte) do romance cômico francês para o “meridiano germânico” por autor-pseudônimo “natural de Mainz”, como revela o anagrama “Reznem”⁴. Mas atributos pantagruélicos devem orientar nosso horizonte de expectativas nesta tentativa de recuperação de uma pequena parte de um saber social oriundo da Idade Média e do Humanismo.

Imagens drásticas servem de maneira bastante generalizada para ilustrar a forte intenção moralizante da literatura da época. LUTERO tinha 11 anos quando foi ao prelo *Das Narren Schyff* (*O Navio dos Tolos*) de Sebastian BRANT (1458-1521), igualmente natural de Estrasburgo e homem da jurisprudência. Esta sátira

*Professor Adjunto, Departamento de Línguas Modernas, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1 Evitando repetir tanto informações constantes do capítulo 9 da *História da Literatura Alemã* de Fritz MARTINI (Lisboa, Estudios Cor, 1960. 2v.), p. 70 et. seq., do capítulo Humanismo e Reforma de *A Literatura Alemã* de autoria de Otto Maria CARPEAUX (São Paulo, Cultrix, 1964, 299p.), et. seq. quanto às páginas 25-33 de *A Literatura Alemã* de Erwin THEODOR (São Paulo, Quieroz, 1980. 189p.), val-me, na elaboração desta sinopse temática, de *Hauptwerke der deutschen Literatur*, editada por M. KLUGE e R. RADLER em Muenchen, 1974, do primeiro volume do *Handbuch zur Deutschen Literaturgeschichte* de Karl PETRY (Koeln, 1949), do verbete Luther em *Stoffe der Weltliteratur* de Elisabeth FRENZEL (Stuttgart, 1976) e de várias enciclonédias.

2 Que se costumam acentuar na medida em que são proscritas as contestações da opinião vigente.

3 *Affenteuerliche Und Ungeheuerliche Geschichtschrift Vom Leben, Rhaden und Thaten Der For Langen Weilen Vollenwolbeschraiten Helden und Herrn Grandgusier, Gargantua, und Pantagruel Koenigen Inn Utopien Und Ninenreich*. Etwan von M. Francisco Rabelais Franzoesisch entworfen; Nun aber ueberschrecklich lustig auf den Deutschen Meridian visirt, und ungefaerlich obenhin, wie man den Grinding lausst, vertirt, durch Huldreich Elloposcleron Reznem. (1575).

4 “Mainzer”: de Mogúncia, lugar de nascimento do pai de Fischart.

de costumes rimada, de 1494, apresenta em 112 capítulos — com gravura⁵ e epígrafe — um levantamento de vícios que, alegorizados, entram num navio a levá-los “ad Narroniam” — à terra dos tolos. No prólogo Brant explica sua intenção:

Den narren spiegel ich diss nenn
In dem ein yeder narr sich kenn
Wer yeder sy wurt er bericht
Wer recht in narren spiegel sicht
Wer sich recht spiegelt der lert wol
Das er nit wis sich achten sol

(O espelho dos tolos chamo isto
No qual cada tolo se encontra visto
Quem cada um seja, lhe é anunciado
No momento em que tenha se espelhado
Quem se espelha aprende bem
Que considerar-se sábio não convém)

As fontes eruditas⁶ de que se valeu o autor, não interferem no apelo popularíssimo que teve esta combinação emblemática de ilustração, epígrafe e texto rimado: em vida, BRANT viu seis edições autorizadas e seis clandestinas. Até o fim do século XVI somam 14. Jacob LOCHER traduz a obra para o latim, língua da literatura e ciência, da classe dominante, *Stultifera Navis*, 1497), Hans von GHE-TELEN para o baixo alemão (*Dat Narrenschyp*, 1497). Nova tradução para o latim, de autoria de Jodocus Badius ASCENTIUS, data de 1505. Seguem traduções para o inglês, francês, neerlandês e flamengo: *O Navio dos Tolos* inicia a sua viagem pelos tempos até chegar a nós na roupagem do naufrágio do Titanic, em forma de filme.

ERASMO DE ROTTERDAM (Gerhard GERHARDS, 1466?-1536), ao publicar seu *Elogio da Loucura* (*Enkomion Morias seu laus stultiae*) em 1508, insere-se nesta literatura sobre os tolos. Em 1498-9, o pregador Johann Geiler von KAISERSBERG valeu-se da obra de BRANT num ciclo de 146 prédicas na Catedral de Estrasburgo. Também esta recepção do *Navio dos Tolos* está documentada em alemão e latim à disposição de Lutero. Mas, três anos após a morte deste, um capítulo isolado, o 72º do *Narrenschiff*, chega a servir de ponto de partida para um novo movimento literário, o Grobianismo, que durante o século XVI ironiza “obra e palavra vil” por meio de imagens de falta de modos, principalmente à mesa. Um “novo santo, de nome Grobian”⁷ servira a Brant para criticar, neste capítulo, o uso obsceno da linguagem. Parece que o remédio foi pior do que a doença, pois o superintendente de Lueneburg Friedrich DEDEKIND (1525-1598), ao escrever o seu *Grobia-*

5 Do Jovem Albrecht Durer (1471-1528) na maioria das vezes.
6 Velho Testamento (especialmente Salomão), menos do Novo Testamento; Ovídio, Vergílio, Juvenal, Direito Romano.
7 De “grober Johann” (João grosso); inventado por Brant como patrono de todos os mal-educados.

nus. *De morum simplicitate libri duo* (1549), expande o raio de ação do santo brantiano: na primeira edição, Grobianus atua no papel de criado, hóspede e anfitrião — sempre agindo em desacordo com o código de costumes. Já a epígrafe expõe a intenção satírica:

Liss wol diss buechlin offt und vil
Und thu allzeit das widerspil.
(leia este livrinho em uso diário
E faça constantemente o contrário.)

Mas o interesse pelo proscrito e o fascínio do proibido, as possibilidades de identificação são demasiadamente grandes: a segunda edição (1522) é aumentada e inclui conselhos que Grobianus dá a um grupo de meninas — ávidas em se iniciarem na vida — no sentido de embriagarem os seus pretendentes para apressarem promessas de casamento, de atuarem com a maior sem-vergonhice, de falarem e comerem demais e — de como combater as pulgas. A terceira edição latina definitiva, de 1554, foi reeditada durante 150 anos, tanta a receptividade da pintura verbal dos vícios existentes. Também a tradução alemã de 1551 (*Grobianus. De Costumes Grosseiros e Gestos Descorteses*) vai-se avolumando: ela possui o dobro do tamanho original, em parte porque nela o herói abre inclusive uma escola de grosseiros, fazendo lembrar *As Nuvens* de ARISTÓFANES. Para nós, o interessante nesta versão popular é a crítica contida a um novo tema: os universitários, a falsa erudição e a vaidade dos acadêmicos. O escárnio das classes ascendentes encontrou seu alvo: a latinitas.

E. RUEHL (Berlim 1904) informa sobre a sorte de *Grobianus* na Inglaterra: a primeira tradução, *The Schoole of Sloventrie*, surgira em 1605, uma peça com o título *Grobiana's Nuptials*, pelos anos de 1640. Mas afastamo-nos demais de LUTERO. Voltemos a ele com uma digressão motivada pela conscientização do emprego da linguagem. Do Instituto Goethe vem-me a informação⁸ que o próprio LUTERO, na época das teses de Wittenberg, se havia ocupado com o significado de seu sobrenome original “Luder”. No outono de 1517, transformou (também para os seus pais) o substantivo denota “carne podre; sensual, impuro, leigo, vil”, mediante empréstimo daquela forma grega com a qual já havia assinado cinco cartas a amigos: “Eleutherius” = “o liberto, o libertador”, para obter aquele nome composto de alto significado teológico sob o qual a libertação se cristalizou na Reforma: Luther⁹. O Rigor da estrofe de “Um castelo forte”

Das Wort sie sollen lassen stan
Und kein Dank dazu haben
(A palavra devem deixar de pé
Não esperem gratidão por isso),

8 MOELLER, Bernd & STACKMANN, Karl. *Luder-Luther-Eleutherius*. Erwaegungen zu Luthers Namen. Goettingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1981.
9 Jogos de palavras com a troca de consoantes brandas por explosivas encontramos em épocas tão distantes como as de SHAKESPEARE (1654-1616) e Thomas MANN (1875-1955). A conotação de “branda (=) apodrecido” e “explosiva (=) libertar” perde, neste contexto, o caráter acidental e permite entrever um potencial surpreendente de expressividade (ver tb. Johann Gottfried HERDER. “O verdadeiro Poeta Só Deve Escrever na Língua Materna”. *Antologia Humanística Alemã*, ed. Wolfgang Langenbucher, Tuebingen-Basel-Porto Alegre, 1972, p.46).

a coragem de apelar para a busca erudita de fontes (fieldade) aliada à tradução naturalizadora quando o leitor assim o exige (ver *Ein Sendbrief D.M. Luthers. Von Dolmetzschens Und Fuerbit der Heiligenn*, 1530), espelham esta experiência com a potência da letra.

O interesse renovado pelas línguas, o valor ideológico atribuído ao estudo delas podem ser exemplificados com a sorte do professor Johannes REUCHLIN (1455-1522). Em 1506 publicara a primeira gramática hebraica, trabalho que o levou à Cabala e aos neopitagóricos¹⁰ cujo emprego do simbolismo de letras e de números o fascinava. Por outro lado, o judeu batizado Johannes PFEFFERKORN de Colônia exigiu, num panfleto de 1507, que todos os livros hebraicos não-bíblicos fossem queimados. O imperador Maximiliano cedeu a PFEFFERKORN as universidades — menos a de Heidelberg — obedeceram. REUCHLIN defendeu-se e finalmente o representante do próprio Papa teve que absolvê-lo. Mas o grupo de Colônia continuava irredutível; a ocupação com a língua grega continuava a ser acusada de heresia, o estudo da língua hebraica era visto como uma atividade anti-cristã. Devemos a este fanatismo, na literatura panfletária, as *Clarorum virorum epistolae latinae et hebraicae variis temporibus missae ad J. Reuchlin Phorcensem* (coletânea de cartas de apoio a Reuchlin, publicadas em 1514) e as *Epistolae obscurorum virorum ad venerabilem virum Magistratum Ortuinum Gratium Daventriensem, Coloniae Agrippinae bonas litteras docentem, variis et locis et temporibus missae et demum in volumen coactae*, obra coletiva dos amigos humanistas de REUCHLIN, de 1515, que aderiram em massa à defesa da liberdade de pesquisa, atacando com escárnio pantagruélico a teologia escolástica e o sistema educacional vigente. O próprio REUCHLIN havia escrito uma comédia neste sentido¹¹. *Henno* foi apresentado em 1497 pelos estudantes de Heidelberg ao círculo de humanistas daquela cidade que não aderiu à histeria de PFEFFERKORN. O “criado astuto” remete obviamente ao teatro de Plauto, a construção segue o modelo grego, utilizando o coro e metros líricos.

De Heidelberg vem-nos também a figura simpática de um vice-reitor que já em 1480 fez apresentar sua peça *Stylpho* no meio de um discurso oficial. Desenvolvendo a fábula do candidato apadrinhado Stylpho que acaba como pastor de porcos e de seu ex-amigo Vincentius, aplicado estudante de teologia que se torna bispo, o vice-reitor Jakob WIMPHELING (1450-1528) mostra forte intenção didática e inicia, ao mesmo tempo, o renascimento do drama latino na Alemanha.

Interessante para a nossa época é o costume de autores colocarem a si mesmos nominalmente nos seus textos: biografia e ficção se sobrepõem à vista de todos, permitindo um tipo de auto-ironia soberana como no caso de HUTTEN, MURNER e Hans SACHS. Ulrich von HUTTEN (1488-1523) que, em 1521, publica os diálogos entre a “Febre” em busca de novo anfitrião¹² e o personagem Hutten, estudou em Erfurt e na Itália, teve seu primo assassinado por um príncipe, foi coroado

10 P. ex. Apolônio de Tiana, erudito e mágico da época de Nero.

11 *Scenia Progymnasmata* ou *Henno*, nome de agricultor logrado pelo seu criado Dromo.

12 *Gespraech Buechlin Herr Ulrichs von Hutten*. Feber das Erst. Feber das Ander. Wadiscus oder die Roemische dreyfaltigkeit. Die Anschauenden.

poeta em 1518 por Maximiliano, deu, em via pública, uma surra num dos fanáticos de Colônia, fugiu e asilou-se finalmente com Zwingli na Suíça. Sua crítica da depravação reinante entre o clero, principalmente o de Roma, e da dependência de Roma vêm, portanto, de experiências e observações feitas durante as suas viagens. A alegoria da Febre que só se hospeda com pessoas prósperas e acaba escolhendo como anfitrião o cônego mais sangüíneo à vista, transitava bem com o público. HUTTEN escreveu seus quatro diálogos originalmente em latim, mas logo traduziu-os, ele mesmo, para o alemão. O modelo foi o retor e sofista-filosófico Luciano de Samósata (c. 120-185) com seus diálogos satíricos contra tradições e preconceitos gregos. A lição que nos vem de HUTTEN e seu tempo é que alegorias tenuemente disfarçadas, em sátiras sobre temática contemporânea, são avidamente absorvidas por todas as classes, mesmo quando calcadas em fontes eruditas.

Outro grande viajante¹³, Thomas MURNER (c. 1475-1537), aluno de Franciscanos de Estrasburgo, revida, um ano depois dos diálogos de HUTTEN, à sua maneira: como HUTTEN e LUTERO atacava impiedosamente os defeitos da velha Igreja, mas sua polêmica nunca queria romper a unidade da fé. Desde 1520 escrevia com veemência crescente contra LUTERO. *Do Grande Tolo Luterano, como foi conjurado pelo doutor Murner* (1521) é a melhor sátira anti-reformista existente. As cenas soltas, acompanhadas de 52 gravuras, lembram Sebastian BRANT não só pelo caráter emblemático, mas também pela plasticidade das imagens: um monstro inflado entra em cena num trenó; após sua conjuração, fogem do interior da besta, de seu bolso, de seus sapatos, todos os simpatizantes eruditos da Reforma. Formam um bando liderado por LUTERO que ataca igrejas, mosteiros e finalmente aquele castelo que o próprio MURNER defende. (A referência à Igreja Católica é óbvia). MURNER cede aparentemente a LUTERO ao receber a filha alegórica deste em casamento, mas afasta a noiva a socos ao constatar que é portadora de sarna (Grind). LUTERO morre no texto, recusando os sacramentos; o poeta triunfa no palco acompanhado de um coro de gatos, já que WIMPHELING de Heidelberg havia espalhado uma etimologia falsa do nome “Murner” (= “Murnar” (= “gato”, Dicionário dos Irmãos GRIMM), aparecendo “Murnarr”, além disso, no sentido de “tolo que reclama”. Ao assumir seu apelido polissêmico, MURNER ameniza com a generosidade de seu humor as tendências grobianescas de *Do Grande Tolo Luterano*. Vejam que, ao morrer, o monstro luterano deixa um único objeto como herança: um capuz de tolo que é surripiado pela personagem MURNER o qual, com o atributo, adquire o mesmo *status* de tolo como seus antagonistas. Mesmo com este gesto conciliador, a sátira, de linguagem acessível, não chega, porém, diretamente ao público. O conselho municipal de Estrasburgo tira-a imediatamente de circulação.

Como no caso do apelido dado por WIMPHELING, referências intertextuais aparecem frequentemente em MURNER: tema para seu poema *Geuchmat*¹⁴ (1519) é o mesmo gramado povoado de tolos apaixonados que servira a um Pamphilus GENGENBACH (c. 1480-1524/5) como título para sua farsa burlesca (*Fastnachtspiel*) de 1516. Ao expulsar os adversários do monstro luterano, ao parodiar os “Quinze Confederados” (*Die Fuenfzehn Bundtsgenossen*) de Johann EBERLIN

13 Esteve em Paris, Cracóvia, na Itália e na Inglaterra.

14 Do alemão “Matte” = gramado e “Gauch” = tolo assanhado.

(1521) ou o *Karsthans* de Joachim Von WATT (1521) que dedicara um capítulo inteiro ao diálogo de MURNER e KARSTHANS sob o título "Murnarr" ("periculosus catus"), MURNER retoma polêmicas coevas. Em 1520, o nome "Hans Karst" havia aparecido em dois trabalhos de autoria de MURNER, a saber, *Sobre o Papado* (*Von dem babstenthum*) e *A Mui Poderosa e Digníssima Nobreza Alemã* (*An den Grossmaechtigsten und Durchluechtigsten adel deutscher nation*), títulos que ecoam *An den christlichen Adel deutscher Nation von des christlichen Standes Besserung* do mesmo ano, de autoria de LUTERO. Já em 1498, o acima mencionado Geller Von KAYSERSBURG havia arrolado o "Karsthans" como um camponês rude no ciclo de prédicas sobre a temática do *Navio dos Tolos* brantiano. "Karsthans", o agricultor de enxada, havia se tornado uma das figuras fictícias mais populares da Reforma. (Vale lembrar aqui a Revolta dos Camponeses e Thomas MUENZER, derrotado e executado em 1525). Se a sátira anticlerical de 1511 de Thomas MURNER, sob o título *Devota Viagem Espiritual aos Banhos* (*Andaechtige geistliche Badenfahrt*), remete aos *Canterbury Tales* de Geoffrey CHAUCER (1340-1400) ou não, só pode ser colocado em termos de pergunta. O importante é lembrar o ano de 1520 como marcante para o início da guerra aberta movida por MURNER contra LUTERO.

Entre os escritos polêmicos do velho MURNER não podemos esquecer o *Calendário dos Ladrões de Igreja e dos Hereges Evangélico-Luteranos* (*Der Lutherischen Evangelischen Kirchendieb-und Ketzerkalender*, 1527) que nos faz lembrar que os luteranos não deram importância (adiaphora) a cerimônias e imagens religiosas que não lhes eram nem indispensáveis, como para a Igreja Católica coeva, nem proibidas, como entre os seguidores de ZWINGLI.

De acordo com PETRY (op. cit. I, p.158), o ataque mais vil contra LUTERO foi redigido por um ex-estudante de Wittenberg, Simon LEMNIUS, que usara o casamento com Katarina von Bora (1525) para um poema *Monachopornomachia*. O elogio mais famoso de LUTERO é a canção do *Rouxinol de Wittenberg* (1523) de autoria de Hans SACHS (1494-1576) que inicia à maneira das canções trovadores-

Wacht auf, es naht gen dem tag!
ich hoer singen im gruenen hag
ein wunnikliche nachtigal;
ihr stimm durchklinget berg und tal.
(Acordem, que luz é esta!
escuto cantar na verde floresta
Um rouxinol do mais lindo soar;
sua voz se ouve em todo lugar.)

Falar sobre o sapateiro de Nuernberg tornando mestre-cantor, exigiria um trabalho separado: "mais de seis mil produções de todo gênero" (MARTINI, op. cit., p. 81) compreende sua obra. Terminaremos este rápido apanhado com meros dois exemplos de suas farsas burlescas, já que permitem compreender melhor, a partir da temática, o caráter da nova consciência que se impõe com a Reforma. A fábula do *Agricultor Grávido* (*Der schwanger Pauer*, 1560) tem sua origem no terceiro conto do novo dia em *Decamerone*: do ambiente urbano de BOCCACCIO (1313-

1375), a história do pintor Calandrio e sua gravidez é transferida para o espaço rural alemão. O camponês avarento Kargas não quer permitir que os vizinhos participem de uma herança. Com a ajuda do médico Simão, Merten (= Martin), Hans e Urban convencem ao novo-rico hipocondríaco que está esperando um filho. Pagando parte da herança por um remédio fantástico (o que permite aos astutos pobres a organização de lauta festa), Kargas é libertado da gravidez e de sua avareza e convida aos vizinhos para um churrasco. O final da peça encerra três ensinamentos:

... die erst: welch Mann zu karg ist sehr,
Das seins Guts niemants niessen kan,
Demselben wirdt Feind yederman.
.....
Zum andern: wer das sein verschwendt,
Schlemmen und prassen ist gewent,
Derselb mit Armut wird beladen
Und hat das gspoett denn zu dem schaden.
.....
Zum dritten sieht man das zu letst:
Der mittel weg noch ist der best.

(... Primeiro: aquele que é demasiado pão duro,
Que ninguém deixa participar da fartura,
Daquele todos se tornam inimigos.

.....
E mais: quem esbanja o seu bem,
Come e bebe mais que convém,
Aquele com pobreza será castigado
E após a ruína ridicularizado.

Terceiro: agente vê no final
Que o caminho do meio ganha como tal.)

Já a farsa burlesca *O Chocar de Terneiros* (*Das Kelberbrueten*, 1551), pièce de résistance dos alunos-atores do Morro do Espelho/São Leopoldo nos 40 e 50, mostra um conflito doméstico entre o casal camponês Hans e Gredt: ela, trabalhadora, inferniza a vida do marido preguiçoso. Apesar das admoestações da esposa, João dorme tarde enquanto ela vende seus produtos na feira: a comida queima no fogão, o terneiro se afoga no poço. Recorrendo à observação da *creatio ex nihilo* em queijos que se enchem de vermes quando expostos ao sol, João quer corrigir o erro, chocando um queijo num cesto. Na volta, "Maria" só pode considerar o marido, desconhecedor das relações de causa e efeito, possuído pelo demônio. O padre conjura o penitente cientista, puxa-o do cesto com a estola e quase apanha, ao apartar o casal mutuamente decepcionado. Mas final feliz, João e Maria gastam o produto da venda bebendo na feira.

Also manch guet anschlag verget
Gleich ainer wasser plasen.

(Assim muito projeto bom se desfaz
Como uma bolha d'água).

Falamos da facilidade de identificação do público coevo com a literatura da época de Lutero aqui esboçada. Como controle para a validade desta afirmação, também para nós, sirva o *Jedermann* ("Qualquer-um") baseado na peça do neerlandês Georgius MACROPEDIUS ou GEORG LANKFELD/LANGVELDT (c. 1475-1558). Este reescreveu a fábula de "Qualquerum" sob a forma de drama intitulado *Hecastus* (1539), personagem título conhecido na literatura inglesa como *Everyman*, peça traduzida para o neerlandês ao redor de 1500 e vertida para o latim sob o título *Homulus* por um Christian ISCHYRIUS. Em cenas curtas e monólogos breves, mas incisivos, Macropedius apresenta o próspero burguês de nome Hecastus num dia de festa em sua casa. Mas, no momento em que um mensageiro de Deus o convida a apresentar-se para o Juízo Final, nem amigos, nem filhos ousam acompanhar aquele homem que possui todos os bens imagináveis na época. Somente as personificações da fé (Fides) e do desejo de praticar o bem (Virtus), prontificam-se a defendê-lo perante Deus. Hecastus/Homulus morre consolado pelos ideais de seu tempo.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 FRANZEL, Elisabeth, *Stoffe der Weltliteratur*. Stuttgart, Kroner, 1976. XVI, 1799p.
- 2 HERDER, Johann Gottfried von. O Verdadeiro Poeta só deve Escrever na Língua Materna. In: LANGENBUCHER, Wolfgang. *Antologia Humanística Alemã*. Porto Alegre, Globo, 1972. p. 46-9..
- 3 KLUGE, M. & RADLER, R., ed. *Hauptwerke der Deutschen Literatur*. München, Kindlers Literatur Lexikon, 1974. 626p.
- 4 MOELLER, Bernd & STACKAMANN, Karl. *Luder-Luther-Eleutherius. Erwägungen zu Luthers Namen*. Goettingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1981.
- 5 PETRY, Karl. *Handbuch zur Deutschen Literaturgeschichte*. Koeln, Balduin Pick, 1949. 2v.

Endereço para correspondência: Rua Carlos Huber, 173
91330 Porto Alegre, RS,
Brasil.